

# UM PILAR DE FERRO ( A PILLAR OF IRON )

AUTORA TAYLOR CALDWELL  
TRADUÇÃO DE LUZIA MACHADO DA COSTA

2ª EDIÇÃO. RIO DE JANEIRO RECORD, s.d. 749p.

José Isaac Pilati  
Doutor em Direito e Professor do  
Curso de Mestrado em CIÊNCIA  
JURÍDICA da UNIVALI

## 1 Introdução

Em tempo de globalização , Internet e tanta coisa “virtual”, a volta aos clássicos - que hoje se vivencia no Mestrado em Ciência Jurídica da UNIVALI , por exemplo , - é uma prática muito comum nos tempos de crise , em que os intelectuais procuram , por imposição da realidade , uma releitura , ou uma redefinição das instituições jurídicas.

A curiosidade ( científica ) em relação ao mundo romano e a Cícero (em particular), neste contexto , parece ser uma imposição natural das coisas. Um dos maiores advogados que a humanidade conheceu , Cícero foi , sem dúvida , mais do que um advogado ( orador , escritor ) e muito mais do que um simples

cidadão do povo romano : foi uma pessoa extraordinária , um intelectual , um paranormal , que viveu e protagonizou um dos momentos ( de crise e mudança ) mais importantes do mundo antigo: o estertor da República , sob a vertigem do Império nascente. Daí a sua importância e a explicação para a curiosidade em torno da sua vida.

A biografia de Marco Túlio Cícero , escrita entre as décadas de 40 e 60 deste século, pela americana Taylor Caldwell , é , portanto, uma viagem científica maravilhosa , que a Internet e os deuses da tecnologia deveriam incorporar aos modernos meios de comunicação da nossa sociedade.

## 2 A seriedade da autora

Para escrever a obra , Caldwell pesquisou anos a fio. Leu toda a obra de Cícero, e não satisfeita, viajou para a Itália com o marido, e percorreu o cenário histórico. Traduziu , ela mesma, centenas de cartas pessoais de seu biografado. Esteve na Grécia, onde Cícero teria realizado estudos de aperfeiçoamento, procurado serviços médicos e sofrido um grave atentado. Nas viagens, além das bibliotecas, manuscritos e vasta bibliografia especializada, a obstinada autora consultou as maiores autoridades, entre historiadores e

arqueólogos, procurando a localização exata de templos e prédios, costumes, aspectos físicos das cidades, tudo, enfim, que entendeu ser necessário à fidelidade dos fatos.

O resultado é uma biografia apaixonante, em 749 páginas, divididas em quatro partes : 1 - a criança e o jovem ; 2 - o homem e o advogado ; 3 - o patriota e o político;4- o herói.

Qual a melhor delas ? Não há consenso entre os leitores , com certeza.

### 3 A técnica empregada \* \* \* \* \*

A partir das cartas pessoais, dos discursos, da obra de Cícero, enfim, Caldwell elaborou cuidadosa engenharia de diálogos; reconstruiu cenas e cenários do cotidiano romano; dramatizou discursos e episódios do foro e do Senado; descreveu personagens de vulto histórico, na roupagem humana, de carne e osso; narrou episódios imortais - como o assassinato de Júlio César - tudo num ritmo trepidante, que à semelhança de uma viagem via Internet ao desconhecido, prende o leitor do início ao fim.

Desfila, assim, perante o leitor, o oculto e invisível, a vida familiar de Cícero: a mãe Élvia e a esposa Terência, mulheres dominadoras; o pai ausente, mas culto e sensível; o avô, homem de tradição romana e gênio irascível; o irmão caçula Quinto, militar, iluminado muito mais pelas glórias do que pela inteligência; os filhos, os escravos (seus mestres das letras e também do amor), as práticas religiosas, os costumes e as amizades escolares, após a mudança, de Arpino para Roma.

Trava conhecimento, o leitor, com a condição social das classes, no mundo romano, questão fatal para o grande amor irrealizado (por Lívia, noiva e depois esposa de Catilina, o inimigo de morte). O leitor interessado nos aspectos jurídicos, por sua vez, pode acompanhar o aprendizado de Cícero junto a Cevola, o velho advogado, que auferia a segurança da profissão diretamente do conhecimento das leis, e dos dossiês com que mantinha à distância os senadores corruptos; pode, inclusive, deliciar-se com alguns episódios forenses que ilustram o talento

inigualável do romano, na profissão.

Nos meandros da política e do poder, desponta a figura carismática e intrigante de Caio Júlio César, e com ele, na vida de Cícero, os grandes generais, políticos e ditadores, como Sila, Mário, Pompeu, Lépido, Crasso, todos envolvidos num jogo permanente de perfídia e traição, de suspense, de costumes dissolutos e sucessões sangrentas. Neste contexto, está Sérgio Lúcio Catilina, o orgulhoso patrício, cuja conspiração ensejou as catilinárias, e cuja morte em contrapartida, precipitaria a decadência de Cícero como pessoa e como homem público.

Plano destacado na vida de Cícero ocupam, também, na narrativa escrupulosa da autora, os amigos leais e vitalícios, como Ático (o editor que o sustentou no exílio, a título de direitos autorais inexistentes), Bem Joel (o judeu que lhe falava do Messias) e Róscio (o autor que lhe ensinou a dominar as platéias). Com eles, o genial romano dividiu seus pensamentos e suas dúvidas, até mesmo no plano religioso. Cícero pressentiu o mundo espiritual que sobreviria à decadência de sua época.

Tudo flui como um filme do real, colorido pelos detalhes. E a tal ponto chega essa fidelidade da escritora aos fatos históricos pesquisados, que as suas próprias idiossincrasias, é muito interessante observar isto, desmoronam sozinhas, no final do relato: elogiado durante toda a obra, Cícero sucumbe com a imagem de um velho reacionário e rabugento, exatamente da forma como o viram os jovens herdeiros de Caio Júlio César, que o mataram.

Para o operador do Direito, é, primordialmente, a demanda do Mestrado da UNIVALI, o ponto alto do livro talvez seja o capítulo XXXI: a defesa, perante o Senado, de Catão Sérvio, militar acusado de alta traição e subversão, por ter escrito um texto considerado injurioso contra o ditador, e seu ex-comandante, Lúcio Cornélio Sila.

Cícero fora aconselhado a recusar a causa, pois provocar a ira de Sila significaria a morte; desagradar o Senado, ou os militares, ou mesmo o povo, tão instável e volúvel na pena da autora, também representaria a desgraça; mas, sobretudo, havia a ira do acusado, mutilado nas batalhas e inconformado com a nova postura do ex-comandante, agora no poder. Sérvio, destemido e sem motivos para viver, queria aproveitar o julgamento para dizer, pessoalmente, o que dissera por escrito, em seu desditoso livro. Só mesmo a segurança de seus herdeiros poderia mantê-lo no razoável, circunstância que não passou despercebida do insigne advogado.

Orientado por um ator incomparável, o seu amigo Róscio, Cícero preparou cuidadosamente, cada passo de sua performance, desde o tom de voz e os gestos, até a expressão corporal; a parte jurídica foi exaustivamente estudada, no que ouviu os conselhos do pai, como sempre fazia; mais que isto, armou todo o cenário, ao seu gosto e estratégia: com o esforço de outros amigos e de seu irmão Quinto, fez com que um grande número de militares, colegas do acusado, comparecessem ao julgamento, tomando o recinto, às vistas dos espertos senadores; e ainda, como se não bastasse, instigou a curiosidade de grande número de populares trazidos das ruas e apinhados pelas portas, como alto-falantes humanos (de aplausos e vaias). Com isto, quando o julgamento começou, o Senado era um local

diferente, perigoso, impróprio a qualquer deslize, mas ao feitio de Cícero, o grande orador...

Caio Júlio Cesar leu a acusação. Diz Caldwell: “o Senado escutou. Os soldados e o povo escutaram”. Sila, ditador e “vítima”, seguro de si e do lugar de destaque em que o fitavam todos, dá a palavra a Cícero. “Lentamente, Marco levantou as mãos no gesto do próprio Róscio, implorando aos deuses”. E sob o olhar de aprovação do ator, falou alto, para o povo ouvir:

“- Nada sei sobre estes crimes”... “Mas sei de um crime maior!” Agitou-se a platéia.

Tomando a todos de surpresa, e prendendo todas as respirações, o brilhante advogado vai abrindo a sua trama de argumentos, colocando todos em guarda, entre si, como se intermediasse um conflito no plano mais sublime da condição humana. O povo manifesta-se amiúde, e os senadores acautelam-se nas intervenções. Quando Sila, percebendo o jogo, acusa-o de reunir a multidão, Cícero, humilde e em tom ingênuo, informa ao ditador que aquela gente veio até ali por causa dele, Sila, e para ouvir a justiça - coisa que o povo “preza mais que suas vidas”. Com isto, a própria vida do acusado, na sua condição de farrapo dos campos de batalha, convertia-se numa peça eloqüente de defesa...

O desfecho é emocionante: Cícero prova que as palavras do livro de Sérvio são na verdade, da *Política*, de Aristóteles, desmoralizando a acusação. E não só consegue absolver o velho militar, como, também defender o próprio ditador, perante os olhos do acusado e dos soldados. Tal é o clima de comoção e tal a impressão de verdade produzidos pelo advogado, que os dois, réu e vítima, general e soldado, o homem poderoso e o simples

velho dos arrabaldes, se abraçam comovidos, sob o aplausos e olhos esbugalhados dos senadores.

Para quem lê o livro por diletantismo, o ponto culminante seria outro, talvez ; a acuidade e a competência com que Caldwell traça o perfil psicológico dos seus personagens, inclusive dos grandes vultos da história, com que conviveu o biografado.

Exemplo ilustrativo é o caso de Caio Julio Cesar e sua amizade com Cícero. Dissimulado, ambicioso, calculista e amável, Júlio era daquelas pessoas que têm o dom de captar a alma humana na sua profundidade: identificava as fraquezas, as virtudes e a

utilidade de cada pessoa, em relação aos seus próprios interesses, e era sob tal regime que agia na gangorra do poder e dos assassinatos da época. Sempre foi aliado dos fortes, e quando eles pereciam, Cesar reaparecia, amável e sorridente, como pessoa íntima do seu sucessor. Com Cícero, manteve sempre uma amizade fraterna e perigosa, extraindo do amigo de infância as vantagens de sua retidão de princípios, tolerando-lhe o gênio irascível e rebatendo as acusações permanentes do outro. A seu modo, gostava do amigo e o respeitava, protegendo-o, com sua força, contra os inimigos mais diretos , como os patrícios Clódio e Catilina. Tanto que Cícero não sobreviveu, por muito tempo, à morte de Cesar.

## 5. Concluindo

Caldwell dedicou o seu livro a John Kennedy, traçou paralelos ufanistas entre os Estados Unidos e Roma, e no decorrer das páginas manifestou uma permanente preocupação com a ética, a justiça e a moral entre os contemporâneos de Cícero. Valores que, no seu modo de ver, os maus e a plebe ignara, volúvel como as hordas, não compreenderam. Por isso Roma teria perecido. Seria assim? A classe patrícia seria um repositório ideal de tais princípios ?

Quando se fecha o livro, como as cortinas de um espetáculo, os personagens ainda ali, colhendo os aplausos, há algo que permanece

acima das discussões que suscitam os aspectos sociais e políticos: a grandeza dos sentimentos humanos.

A fidelidade de Cicero à mulher que amou, além da morte sem nunca ter tido a ventura de possui-la; a dedicação aos amigos, que nunca traiu; a devoção ao trabalho, com a consciência de pátria e de comunidade, enfim os aspectos profundamente humanos, que o fazem majestoso perante os olhos do leitor - só não disfarçam uma coisa. O capricho dos deuses, quando se trata da questão da distribuição do talento entre os humanos.